

RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA ATUALIDADE

Angela Maria Sartori¹
Claudia Waltrick Machado Barbosa²

RESUMO

Esse trabalho visa conhecer as formas de relacionamento a partir de diferentes concepções, fazendo um comparativo em relação à antiguidade. Busca conhecer o sujeito levando em consideração sua necessidade de nunca se sentir sozinho, como encara as inovações e até que ponto é importante para sua vida social. Este estudo buscou conhecer sobre os relacionamentos amorosos na contemporaneidade. Para a realização desta pesquisa, foi realizada uma revisão da literatura existente. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Como resultado, temos que os relacionamentos atuais baseiam-se na individualidade, liberdade, descartabilidade, busca do romantismo, igualdade de gêneros e superficialidade. Ficou evidenciado que as relações ainda buscam: confiança, respeito, beleza e alguém com um bom futuro profissional. Os jovens também acreditam que o medo da responsabilidade e do constante investimento em uma relação poderá dificultar o relacionamento. Assim, o futuro das relações seria baseado em maior individualismo entre parceiros e casais morando em casas separadas. Por meio desta pesquisa, constatou-se que as relações da atualidade são baseadas na liberdade e na individualidade, acontecendo quando há o investimento de ambas as partes. Evidenciamos também a contribuição das redes sociais para os relacionamentos na contemporaneidade.

Palavras Chaves: Relacionamentos amorosos, Redes sociais, Jovens, Atualidade.

LOVING RELATIONSHIPS IN CONTEMPORARY DAYS

ABSTRACT

This work aims at knowing the forms of relationship from different conceptions, doing a comparison in relation to antiquity. Search meet the subject taking into consideration your need never feel alone, how does the innovations and to what extent it is important to your social life. This study sought to meet about the romantic relationships in contemporary times. To carry out this research, a review of existing literature. The data were subjected to content analysis. As a result, we have current relationships are based on individuality, freedom, disposability, search of romanticism, gender equality and superficiality. It became evident that relations still seek: trust, prospect, beauty and someone with a good professional future. Young people also believe that the fear of responsibility and constant investment in a relationship may hinder the relationship. Thus, future relations would be based on greater individualism among partners and couples living in separate houses. Through this research, it was found that current relations

¹Acadêmica da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest.

²Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

are based on freedom and individuality, happening when there is the investment of both parties. Showed also the contribution of social networking for relationships in contemporary times.

Keywords: Romantic relationships, Social networks, Youth, Today.

INTRODUÇÃO

Os relacionamentos amorosos da atualidade, se comparados aos relacionamentos do final do século XIX, apresentam-se com novas configurações. São muitos os aspectos que influenciaram essas mudanças. Neste sentido, surge aqui uma indagação, o amor ainda está na moda? Para tanto, é preciso definir o que é o amor, para posteriormente, através deste estudo, podermos analisar o mote dos relacionamentos na atualidade. Sabe-se que essa ideia pode variar conforme a cultura, vivência e percepção que cada indivíduo tem desse sentimento. Para Rosset (2004, p. 45), “o amor não tem significado único, ele costuma ser definido de acordo com a subjetividade de quem vivencia o sentimento”. Ainda que existam diferentes concepções sobre o amor, a maioria é contaminada por ilusões românticas e idealizações com muitas expectativas no que diz respeito ao outro.

Na concepção de Ferry (2007, p. 90), “as uniões se amparam, atualmente, apenas nos sentimentos de amor. Como há uma nova ordem que se estabelece, basta que o amor se apague para findar uma relação”. Com isso, abre-se uma lacuna, pois existem outras óticas acerca do tema, principalmente, justificando o aumento da troca de parceiros nos relacionamentos entre jovens. Em estudos realizados por Chaves (2010), discutiu-se a heterogeneidade das percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. A análise do material mostra que não há uma homogeneidade nas opiniões sobre as percepções, as quais variam entre dois extremos: de um lado, há aqueles que veem os relacionamentos como semelhantes aos de outrora, e, de outro, os que percebem o campo amoroso como desordenado, instável, inseguro e frágil.

No entanto, no estudo de Falcke e Zordan (2010), buscou-se investigar a opinião de adultos jovens sobre romantismo, família, papéis conjugais e permissividade sexual, comparando as opiniões de homens e mulheres. Os resultados indicaram que o casamento continua desejado pelos adultos jovens, apesar de não estar entre seus principais projetos de vida. O amor é importante, mas não é mais percebido como eterno e exclusivo. A avaliação dos papéis conjugais reflete a transição entre velhos e novos modelos. Nesse sentido, torna-se importante compreender por que os jovens estão estabelecendo relações efêmeras. Será pelo ritmo acelerado de vida que nos é exigido diariamente? Ou pela satisfação dos desejos e dos

impulsos? Será pelo medo de sofrer na relação? Ou pelo individualismo? Ou trata-se de frustração, pelo fato de o parceiro não corresponder às expectativas e aos ideais da relação? Ou pela procura da pessoa ideal?

Não se pode deixar de considerar, a compreensão da transformação das relações interpessoais, entre elas a relação amorosa entre duas pessoas, só é possível ao se considerarem as transformações sociais que configuram a família na contemporaneidade. De acordo com Giddens (2002, p. 78), na modernidade avançada, a família atribui importância significativa ao processo de individualização e não privilegia o investimento no coletivo. Na atualidade, é possível observar que os adultos jovens estão estabelecendo relações amorosas de curta duração. Essas relações podem durar apenas algumas horas, alguns dias, semanas ou meses, o que, neste estudo, será compreendido como relações transitórias, enquanto as relações que perduram pelo menos por um ano serão denominadas estáveis ou duradouras.

Entre as novas formas de se relacionar, também se pode observar a troca frequente de parceiros nos relacionamentos entre jovens. Assim, com o intuito de compreender melhor o significado desse fenômeno para os próprios jovens, buscou-se conhecer a percepção do adulto jovem a respeito dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade, elucidar sua percepção quanto à dinâmica das relações afetivas e identificar as expectativas dos jovens quanto aos seus relacionamentos amorosos.

De acordo com Zordan e Strey (2010, p. 56), “Os relacionamentos amorosos da contemporaneidade poderiam ser caracterizados pelos seguintes aspectos: menor durabilidade das uniões, menor tolerância aos conflitos, menos paciência e mais imediatismo”. Há ainda a ideia de que nada dura para sempre, e a rapidez com que as pessoas constituem vínculos afetivos seria proporcional ao tempo que levam para rompê-los. As novas concepções dos papéis de homens e mulheres na sociedade foi influenciada pelo surgimento da indústria e urbanização, promovendo transformações na família e no casamento. Essas transformações vêm motivando os casais a viver de uma forma mais individualista, visando ao próprio prazer (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Todas essas modificações, ocorridas após a Revolução Industrial, influenciaram na caracterização e na estruturação desses relacionamentos. Assim, percebe-se, por meio do relato dos participantes de ambos os sexos, em especial os que se encontravam em uma relação estável, a predominância de projetos pessoais individuais, em que a prioridade dos indivíduos é a formação acadêmica, a construção de uma carreira, a estabilidade profissional e até mesmo o *status* social. Além do exposto, há a superficialidade e a descartabilidade.

Considerando o cenário da vida moderna, e tendo como pano de fundo as relações humanas, Bauman (2004) aborda a fragilidade dos laços humanos que levam a desejos conflitantes de intensificá-los e, ao mesmo tempo, mantê-los frouxos. Segundo Bauman (2004, p. 97), “a parceria passa a ser vista, assim como os bens de consumo, como algo que deve ser instantâneo, usado uma só vez, podendo ser eminentemente descartável”. Já Shinyashiki (2000, p. 67) refere que “as pessoas não querem se vincular a alguém porque têm medo de perder a liberdade, já que se sentem presas na relação”.

De acordo com esses aspectos, a busca de uma relação para suprir uma “carência” ou ainda para um momento de diversão e companhia para uma noite. Diante do cenário atual, principalmente no que tange os jovens, o desejo de liberdade para se divertir com os amigos, sair para baladas é um dos pontos relevantes. Pode-se inferir que a liberdade, em muitos casos, pode exigir flexibilidade na dinâmica das relações, tornando-as ainda mais complexas. Diante da liberdade e busca de igualdade dos gêneros no estabelecimento das relações, os jovens da atualidade parecem buscar a satisfação de seus desejos, não se preocupando em infringir padrões tradicionais. Diante a variedade de mulheres, os homens sentem-se “tentados” a trair e a vivenciar relacionamentos amorosos transitórios. Com base nesses aspectos, os relacionamentos da contemporaneidade seriam caracterizados também pela impulsividade.

Bauman (2004, p. 78) sugere que, “as relações na atualidade não estão somente baseadas no prazer, mas também no impulso”. A atração de cunho sexual motiva-os a uma união, supostamente com a pessoa ideal, perfeita, mas, com o passar do tempo, essas expectativas são frustradas e a relação, que foi iniciada por atração sexual e comportamento impulsivo, tende a acabar. Um dos fatores que podem explicar a impulsividade nos relacionamentos seria a paixão.

Conforme Pregolato (2003, p. 67), “quando nos apaixonamos, tendemos a acreditar inicialmente que encontramos a pessoa ideal que possui todos os atributos capazes de nos despertar admiração, amor e desejo, satisfazendo totalmente as nossas aspirações amorosas”. No entanto, a atração e os objetivos de vida que, inicialmente eram os mesmos, acabam resultando no fim das relações. Fatores como esses podem estar ligados à cultura consumista e às exigências do mundo contemporâneo, onde não há tempo para conhecer o outro e nem a si mesmo.

Mas temos que considerar que ainda existe, por parte de alguns jovens, o desejo de encontrar uma pessoa idealizada para construir uma relação duradoura e estável. Ou seja, muitos jovens ainda têm o sonho de encontrar uma pessoa perfeita para amar. Assim, deve-se salientar que, mesmo diante da prevalência da liberdade e individualidade entre os jovens, ainda há, nos relacionamentos, o desejo de viver um amor romântico e a fantasia de que esse

sentimento será correspondido em todos os sentidos. Como o ser humano se sente incompleto, mesmo que de fato não o seja, busca no outro a completude. Dessa forma, a convivência em grupo é bastante valorizada pelos jovens na atualidade. Ela aparece, também, como prioridade na fase da adolescência, na qual os vínculos de amizade, cumplicidade e identificações com outros jovens são muito importantes, além da aparência, beleza e sucesso como forma de aceitação social.

Para Guedes e Assunção (2006, p. 56), “em uma relação duradoura, busca-se uma unidade com o outro de forma intensa e exigente, daí a dificuldade de fazê-la durar. Exige-se, ao mesmo tempo, autossuficiência e relação de fusão”. Isso acontece porque conciliar a intimidade da vida a dois com preservação da individualidade é um desafio para os relacionamentos na atualidade. Esse medo da mudança em suas vidas e de assumir maior responsabilidade é comum na adolescência. Diante disso, cabe considerar a pesquisa de Magalhães (como citado em Ribeiro, 2010): ele verificou que mulheres definem o casamento como uma relação amorosa, mas, para os homens, o casamento é definido como a constituição de uma família, atrelado à responsabilidade.

Nessa perspectiva, Costa (1998) comenta que, diante do medo de assumir tamanha responsabilidade no estabelecimento de uma relação e para se protegerem das inseguranças de um relacionamento, as pessoas fariam uso de uma estratégia psicológica chamada flutuação. Seria uma ação anestésica em relação a uma situação causadora de medo. Frente a isto, existe a necessidade de constante investimento em uma relação.

De acordo com Bauman (1998), amar se caracteriza, na maioria das vezes, como um ato arriscado, perigoso, pois não conhecemos de antemão o resultado final das nossas experiências afetivas. Assim, as pessoas temem amar plenamente porque não querem ser usadas no máximo de suas capacidades e não desejam modificar certas atitudes, ou seja, temem investir significativamente em um relacionamento e, depois, ser excluídas quando a relação demonstrar os seus primeiros sinais de desgaste. Então, desenvolve-se o medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos e de investirmos em relacionamentos. Com base nisso, é possível relacionar o medo de se vincular ao medo do sofrimento.

Deste modo, devido a algumas experiências vivenciadas e diante da insegurança em estabelecer relações, sem saber de seus resultados, é mais fácil ou racional investir na construção da carreira. Pois seria mais garantido, em comparação a um relacionamento que poderia ser uma experiência frustrante. O estudo realizado por Wagner, Falcke e Meza (1997), com jovens brasileiros sobre projetos vitais, família e casamento, constatou que o

relacionamento amoroso já não ocupa um lugar de destaque nos seus projetos de vida, pois estão mais voltados para realização pessoal, realização profissional e projetos individuais.

Já a pesquisa de Chaves (2004) constatou a importância dada por homens e, principalmente, por mulheres à formação acadêmica, à carreira profissional, à independência financeira e às possibilidades de autossatisfação e autorealização por meio de outros planos da existência, diferentes do amoroso. Os homens buscam especialmente liberdade, prazer e relações sem compromisso. Além do mais, os homens buscam estabelecer relações mais duradouras depois de aproveitarem muito a juventude.

Nessa concepção, Bauman (2004, p. 92) revela que:

Na construção do amor líquido, é idealizada a busca de satisfação com o outro e o divertimento sem fronteiras, cujo objetivo seria aproveitar o tempo presente. Nesta perspectiva, não há por que se preocupar com o passado nem com o futuro de uma relação, enquanto o presente é vivido sem limites. O compromisso com o outro, tanto no namoro como nos projetos de vida, não é bem-visto, porque ele limita a liberdade individual.

Com isto torna-se explícito uma constante busca de prazer e liberdade dos jovens em ambos os sexos, porém parece haver uma distinção na aceitação do comportamento conforme o gênero. Para as mulheres, os homens têm preconceito quando elas se comportam do mesmo modo que eles, pois as mulheres, apesar dos avanços da contemporaneidade, são criticadas ao assumirem posturas aceitas e previstas somente para os homens (TEYKAL, 2007).

A nova configuração de valorização do profissional foi facilitada pelo trabalho remunerado feminino que constituiu um momento de virada nessa dinâmica da distribuição do poder nas relações conjugais, uma vez que, pela independência econômica da mulher, novos arranjos se tornaram possíveis no âmbito familiar. Assim, o casamento não deixou de ser importante, mas não é mais fundamental. Hoje as pessoas consideram imprescindíveis o amor e a cumplicidade para o crescimento pessoal, independentemente de estarem casadas ou não (TEYKAL, 2007).

Complementando essa ideia, Ribeiro (2010) refere que, na atualidade, a mulher encontra-se independente, afetiva e financeiramente, do companheiro. A mulher prima pela afetividade na relação amorosa, todavia não a tem como única meta; ela também visa à felicidade pessoal, que não parece ser buscada somente pelo casamento, mas também em outras relações com o mundo ao seu redor, tanto no âmbito amoroso quanto sexual. Além do mais, as mulheres da atualidade têm maior afeição nos relacionamentos do que os homens, já que elas são mais românticas. Há algumas que não querem nada sério, mas, em um determinado

momento, desejam um parceiro. Diante desses valores tradicionais de algumas mulheres, bem como do desejo intenso de envolver-se em uma relação e constituir uma família.

No futuro, as relações serão construídas por parceiros cada vez mais individualistas e com prioridade na construção da carreira profissional. Estudos também apontam que os jovens acreditam que os relacionamentos contemporâneos estáveis e duradouros deverão acontecer em idade mais avançada. Diante disso, a ideia de que as relações no futuro tendem a uma configuração ainda mais singular. No entanto, destaca-se a importância do diálogo e da confiança nesses casos, além do comum acordo nas combinações estabelecidas pelo casal, para que assim a relação perdure. Ao mesmo tempo que o indivíduo se sente livre, sente-se preso, inseguro, indeciso em relação a todas essas questões. Então, o futuro das relações seria baseado na liberdade dos diferentes padrões de relacionamento.

Para Rosset (2004, p. 123), “o relacionamento tende a se tornar difícil quando um homem e uma mulher não reconhecem que são biologicamente diferentes, obtendo formas distintas de enfrentar algumas questões e cada um quer que o outro atenda a suas expectativas”. Nessa perspectiva, Lipovetsky (2004) comenta que estamos na era do vazio, na medida em que o homem se sente angustiado e receoso em relação a essas diferenças e à liberdade de escolha que a contemporaneidade lhe ofereceu. Assim, haveria um constante paradoxo entre a cultura do excesso e aquela da ausência ou moderação, na qual a autonomia deve coexistir com a dependência. No futuro das relações, os relacionamentos serão firmados em idade mais avançada, como repercussão dos aspectos anteriormente citados, como liberdade, busca do prazer, individualidade, prioridade na formação profissional e estabilidade no trabalho.

METODOLOGIA

Para Fonseca (2002), metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica. Nesse sentido Minayo (1994, p. 44), define metodologia de forma abrangente e concomitante, pois para a autora, existem formas de dirigi-la:

[...] como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

Esta pesquisa definiu-se do ponto de vista metodológico como uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois, busca entender os relacionamentos amorosos na atualidade. De uma forma geral, os métodos qualitativos lidam com informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos quantitativos. Ela se caracteriza principalmente pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos e subjetivos do tema em questão (CHIZZOTTI, 2001).

Segundo Moresi (2003) define-se pesquisa bibliográfica como um estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Este tipo de pesquisa proporciona ao pesquisador o contato direto com tudo aquilo que se foi escrito sobre determinado assunto. A pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise, interpretação e redação (MORESI, 2003).

Nesta pesquisa bibliográfica, foram incluídos artigos indexados, escritos em português, que estudaram os relacionamentos amorosos, foram incluídos também artigos sobre a modernidade casamento. A estratégia de busca de artigos incluiu pesquisa em bases eletrônicas e busca manual de citações nas publicações inicialmente identificadas. Utilizaram-se as bases eletrônicas, National Library of Medicine, Estados Unidos (MEDLINE), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO).

DISCUSSÃO

Vamos iniciar nossa discussão trazendo uma pesquisa desenvolvida por Chaves (2010), sobre relacionamentos amorosos, neste estudo discutiu-se a heterogeneidade das percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. A análise do material mostra que não há uma homogeneidade nas opiniões sobre as percepções, as quais variam entre dois extremos: de um lado, há aqueles que veem os relacionamentos como semelhantes aos de outrora, e, de outro, os que percebem o campo amoroso como desordenado, instável, inseguro e frágil.

Não temos como discutir os relacionamentos amorosos na atualidade sem resgatar alguns conceitos. De início vamos pensar a modernidade a partir dos valores essenciais, liberdade e igualdade que permitiram o aparecimento do indivíduo autônomo, liberto do passado. A modernidade inverte a ordem da temporalidade e torna o futuro, e não mais o

passado, o lugar onde se deve buscar a felicidade vindoura e o fim dos sofrimentos (FORBES, 2005).

Quando Freud escreveu “O Mal-estar na Civilização” ele escrevia a história da modernidade. A modernidade se fundamenta nos pilares da beleza, da limpeza e da ordem. Não é condição natural humana procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observar a rotina chamada ordem. Os prazeres da vida civilizada trazem como efeitos colaterais adversos o sofrimento e a satisfação com o mal-estar. O princípio do prazer se reduz à medida do princípio da realidade. O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança. O mal-estar da modernidade provinha da sensação de segurança que tolerava a limitação de liberdade em prol da felicidade (BAUMAN, 1998).

Na modernidade, segundo Kehl (2002), é ilusório pensar que a criação de sentido para a existência fosse um ato individual. Foi uma tarefa coletiva, uma tarefa da cultura, da qual cada sujeito participou deixando a sua contribuição. Lipovetsky (2004) complementa afirmando que a modernidade negou o passado e buscou a previsibilidade do futuro. Jorge Forbes (2005), por sua vez, tem adotado a advento da globalização para marcar a passagem da modernidade para uma nova forma de organização social. Este autor aponta que na modernidade o laço social era vertical e tinha como referencial o pai, o chefe e a pátria. Essa nova ordem é marcada por um laço social horizontal.

Charlies (2004) definiu a pós-modernidade como uma época marcada pela ampliação da autonomia subjetiva, pela multiplicação das diferenças individuais e pelo dissolver dos princípios sociais reguladores em unidades de opiniões e modos de vida. O individualismo e a desagregação das estruturas tradicionais de normatização produziram fenômenos paradoxais como o autocontrole e a abulia, tomada de responsabilidade e desregramento. A essência do individualismo tornou-se o paradoxo.

A pós-modernidade desejava se libertar de toda interferência coletiva no destino individual. De sorte, o que propulsionou a passagem da modernidade à pós-modernidade foi o consumo de massa e os valores hedonistas que ele veicula. Segundo Bauman (1998), os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade.

Bauman (1998) avalia que a pós-modernidade é o tempo da fluidez, do líquido. Estar em movimento significa não fazer parte de nenhum lugar e a consequência disso é não contar com a proteção de ninguém. Quanto mais depressa se corre, mais rápido se permanece no lugar. A estratégia da vida pós-moderna é evitar o fixo. O estranho é odioso e temido da maneira como

o é o viscoso. Ao contrário da água a substância viscosa gruda e não flui com liberdade. A viscosidade implica a perda ou a ameaça da liberdade.

A partir deste conceito de fluidez, Bauman (2007, p. 7) desenvolveu o conceito de vida líquida como sendo a forma de vida numa sociedade líquido-moderna, pois para o autor, “Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”. A vida líquida não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. O envelhecimento e a obsolescência das coisas ocorrem rapidamente e antes de serem apreendidas efetivamente. É uma sucessão de reinícios e o livrar-se das coisas tem prioridade sobre a aquisição. Percebe-se essa característica facilmente observando-se a produção de lixo na sociedade.

As relações amorosas na vida líquida também seguem essa característica, portanto, são relações vividas em condições de incerteza constante. Tendo o passado e o futuro sido desacreditados, existe a tendência a pensar que o presente se tornou a referência essencial. Para Bauman (2007), o mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível.

Conforme Forbes (2005), muito se anunciou que a pós-modernidade superou os aspectos marcantes da modernidade, a saber: Individualismo, tecnicismo e o mercado. Entretanto, para ele, Lipovetsky define a hipermodernidade como sendo a extensão dos aspectos supracitados que multiplicaram seu alcance sobre as relações humanas.

Vários sinais são relacionados por Lipovetsky (2004) como indicadores de uma era que se caracteriza pelo hiperconsumo, pela hipermodernidade e pelo hipernarcisismo: Um consumo que absorve e integra parcelas cada vez maiores da vida social e que funciona a partir de uma lógica hedonista que faz que o consumo seja para sentir prazer e não mais para exibir status; Uma sociedade liberal caracterizada pela fluidez e pela flexibilidade, que se mostra indiferente aos grandes princípios estruturantes da modernidade para adaptar-se ao ritmo hipermoderno e não desaparecer. Um narcisismo que abarca a responsabilidade, a organização e a flexibilidade rompendo-se assim com o narcisismo hedonista e libertário dos anos pós-modernos.

A modernidade nos faz refletir as relações. E diante de tudo o que já foi exposto, e a fluidez da sociedade trazida por Bauman (2004), torna-se impossível perceber que em tempos de pressa parece que o vínculo afetivo é substituído pela rapidez e a qualidade de vida pela eficiência. As relações reais de proximidade cedem lugar às relações virtuais. Não tem como falar de relacionamento amoroso na contemporaneidade sem pensar que existe um universo virtual interferindo ou complementando estas relações.

Bauman (1998, 2001) tendo em vista a microanálise de importantes aspectos da vida social que foram profundamente transformados pelas redes de telecomunicação digital destaca o quanto a vida social pós-moderna é marcada pela extraterritorialidade e fluidez. Algumas das principais manifestações dessas duas características da organização social contemporânea são: o exercício extraterritorial do poder, passível de ser levado a cabo a partir de qualquer lugar; a circulação constante, fácil e rápida do capital e da informação; e o novo tipo de nomadismo instaurado pela derrubada das fronteiras e barreiras da era moderna.

A *Internet* permite às pessoas explorarem facetas de sua personalidade que tem expressão limitada nas relações sociais presenciais *off-line*, especialmente devido às restrições no contato social característico da atualidade na cultura ocidental capitalista. As limitações colocadas pela sociedade ao comportamento individual parecem suspensas na vida *on-line*, o que estimula a autoexpressão livre, que, por sua vez pode favorecer o desenvolvimento de uma nova identidade pessoal. Contudo, se por um lado, a comunicação virtual pode favorecer comportamentos como o autoconhecimento e a formação de vínculos saudáveis com outras pessoas, por outro, também favorece comportamentos compulsivos e perversões sexuais como o voyeurismo e a pedofilia. Isso ocorre em função da possibilidade do anonimato e da impessoalidade, o que propicia a desinibição (DORNELLES, 2000).

Para o presente estudo, que visa focar as relações amorosas num contexto histórico, partindo do antigamente para o contemporâneo, não teríamos como terminar esta discussão sem trazer, depois do contexto histórico, a realidade atual que engloba os relacionamentos atuais, não temos como descartar a virtualidade como critério de fechamento deste estudo. Tal abordagem é consonante com a conceituação proposta por Bauman (2004), para quem as relações virtuais são relações travadas e mantidas por meio da *Internet* entre pessoas que não se conhecem fisicamente. Tais relações são definidas por oposição aos relacionamentos pessoais ou presenciais característicos da época moderna, quando as tecnologias digitais sequer existiam.

Adicionando outras características aos relacionamentos virtuais, estendendo-as também para os relacionamentos presenciais contemporâneos, Bauman (2004) afirma que são frenéticos, frívolos e incapazes de gerar introspecção como supostamente o faziam os relacionamentos presenciais e interpessoais do período moderno. O contato e o fluxo contínuo de mensagens são mais importantes do que o conteúdo a mensagem. Nos *chats* as relações podem se moldar com rapidez, mas podem terminar com uma rapidez ainda maior. Basta um clique do mouse para que um usuário seja definitivamente despachado da vida de outro usuário. Não há tempo, nem espaço, nem possibilidade para que se pergunte o porquê do rompimento,

para que se expresse uma mágoa, para que se tente manter a relação. É morte abrupta e repentina. A tela que opera a mediação também funciona como proteção contra os riscos da realidade.

Nicolaci-da-Costa (1998) destaca dois aspectos dos relacionamentos virtuais: a ilusão de proximidade, conhecimento e intimidade a despeito das distâncias geográficas; e a fuga da realidade do mundo real, quando essa não é ou não está satisfatória. Essa fuga da realidade em favor de outra realidade, duplas realidades que existem simultaneamente, tem sido uma constante no mundo virtual. O homem tem inventado outros mundos para dar um sentido ao mundo em que existe. Tais mundos imaginários podem funcionar, evidentemente, como uma proteção contra uma realidade efetiva que se afigura insuportável.

O relacionamento a distância tenta substituir o outro simulando a presença deste. Conforme Marcondes (1998) o que ocorre é que o sujeito produz o seu próprio orgasmo vicariamente, já que o outro é assumido pelo próprio sujeito. O corpo do outro nunca será conhecido, será apenas criação da própria fantasia. Até mesmo a não-existência de riscos dá-se justamente pela inexistência do outro, do limite da corporeidade.

Segundo Bauman (1998, 2004), um lado da transformação dos nossos dias é o desemaranhamento do sexo do denso tecido de direitos adquiridos e deveres assumidos. Nada resulta do encontro sexual, salvo o próprio sexo e as sensações que acompanham o encontro. Os motivos para associar a satisfação das necessidades sexuais com o casamento se tornam cada vez menos evidentes ou convincentes. O compromisso com outra pessoa ou com outras pessoas parece cada vez mais uma armadilha a ser evitada a todo custo. As relações sexuais costumavam proporcionar o tijolo e a argamassa essenciais para a construção da estrutura na vida familiar. Hoje elas têm sido instrumento de desagregação dessa estrutura.

Outra perspectiva interessante a ser observada é a imposição de um desempenho sexual perfeito para homens e mulheres. Cada um exerce intenso controle de desempenho sobre o outro, com a exigência mútua do prazer absoluto. A relação passa a ser mantida sob uma perspectiva de necessidade e temor. Uma das saídas possíveis passa a ser a busca do prazer virtual que exige, a princípio, apenas uma predisposição ao exercício da imaginação (SEMERENE, 1999).

Pode-se admitir a existência de uma situação paradoxal dos humanos na contemporaneidade, situação que se caracteriza por um desejo de relações sem a disposição de se pagar o preço necessário e admitir igualmente que disso decorreria em parte da força de atração das relações virtuais.

Eis aí o conflito da pós-modernidade: as pessoas procuram as relações, os encontros, mas não querem compromisso, nem o trabalho e a responsabilidade que isso implica. Assim, as relações de presença-ausência se desenvolvem em todos os lugares, sobre as redes de 'tele' 'comunicação', ou seja, cada um em sua casa, livre para comunicar ou encontrar com quem quiser (FERNANDES e FREITAS Apud GONÇALVES, 2008. p.6).

A relação entre o mundo virtual e o real pode parecer redundante e óbvia, já que o usuário da *Internet* é o homem contemporâneo e só poderíamos encontrar nele as características que esse sujeito possui na vida real. Segundo Giugliano (1999, p.48)

Uma grande dúvida filosófica parece estabelecer-se nesse momento: o desenvolvimento técnico modifica o ser humano a ponto de construir um novo homem, como estabelece o materialismo marxista; ou é o homem que usa a técnica da forma que lhe convém, muitas vezes desvirtuando as idéias e desprezando as possibilidades daquilo que ele mesmo inventa?

Segundo Forbes (2005), em tempos hipermodernos a globalização comprimiu o espaço-tempo horizontalizando o mundo e levou as formas que orientam o mundo ao excesso, à multiplicidade de modelos. Hoje as relações sofrem influências globais e de diversas e distintas culturas. As referências se contrapõem, são múltiplas, e acabam se invalidando. A quebra do eixo vertical equivale a uma desorientação da pulsão.

Quinet (2009) afirma que o que está sempre promovendo a satisfação da pulsão, ao simbolizar o Real do gozo é o sintoma. Ele afirma que o sintoma é definido por Lacan, nos anos 1950 a partir do Simbólico e nos anos 1970 a partir do real. É do Real que se trata no Sinthoma, grafia utilizada por Lacan para caracterizar sua distinção com o sintoma.

O sintoma é a expressão de uma realização de desejo e a realização de um fantasma inconsciente que serve para realizar tal desejo. Segundo este autor, para Lacan o sintoma é o efeito do Simbólico no Real. O sintoma é aquilo que as pessoas têm de mais real. Lacan criou o termo Sinthoma para designar o quarto círculo do nó borromeano e para significar que o sintoma deve cair e que o Sinthoma é aquilo que não cai, mas transforma-se para que continue sendo possível o gozo, o desejo (CHEMAMA, 1993).

Forbes (2005) aponta para a necessidade de um novo pacto social, de um novo amor que substitua o amor que prevaleceu até hoje e que foi fundado em nome do pai. Se o mundo moderno caminhava da impotência para a potência, a diferença de nosso tempo é que o mundo hipermoderno caminha de uma posição de impotência em direção ao impossível. Para apreender esse novo amor o autor enfatiza a necessidade de se pensar em uma terceira dimensão, além do Imaginário e do Simbólico. A terceira dimensão, além da realidade simbólica ou da virtualidade

imaginária, é o Real incapturável e incompreensível, o Real impossível, um limite que pode ser descoberto quando o sujeito para de se orientar pela realidade.

O Imaginário é descrito por Checchinato (1988) como sendo tudo o que, como a sombra, não tem nenhuma existência própria. Chemama (1993), por sua vez, afirma que o Imaginário deve ser entendido a partir da imagem. Na relação intersubjetiva, o Imaginário é a introdução de alguma coisa fictícia que é a projeção imaginária de um sobre a tela simples em que o outro se transforma. Lacan (2005) afirma que toda relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do Imaginário.

O Simbólico é descrito por Checchinato (1988) como sendo tudo o que só tem em si o valor de indicar a ligação. Chemama (1993) afirma que o Simbólico é uma função complexa e latente que envolve toda a atividade humana, comportando uma parte consciente e outra inconsciente, ligadas à função da linguagem. Lacan (2005) postula que o inconsciente e o sintoma são estruturados como a linguagem. Para Jorge (2008) o Simbólico tem a ver com o saber em jogo e é responsável pelas transformações tão profundas para o sujeito. Melman (2003) afirma que o Simbólico quer dizer que o significante é sempre o símbolo de uma falta que é o motor do desejo.

O Real é descrito por Checchinato (1988) como sendo o resto que sobra de sua simbolização e que continuará sendo sempre o mesmo e irrepresentável. O Real está fora do que é simbolizado, portanto, fora do universo das significações. Para Forbes (2005) o Real é a pedra no caminho. O inapreensível retorna, repete-se, somos afetados por seu constante renascimento, sem podermos capturá-lo. Cabas (2009) define o Real como um obstáculo à simbolização, um entrave ao Simbólico, um Real avesso às articulações do significante.

O Real pode ser percebido como algo duro, impossível de ser captado por qualquer instrumento da realidade ou da virtualidade – palavra ou imagem – o que faz com que todos estejamos um pouco fora do caminho. Há uma pedra que nos devia. A ninguém é dado o direito à certeza de sua percepção (FORBES, 2005, p. 101).

Afirma Forbes (2005) que o fundamental hoje não é fazer a pessoa buscar uma nova palavra quanto a seu mal-estar, mas buscar a consequência de sua palavra. A psicanálise ainda é chamada para oferecer justificativas para o mal-estar, contudo, a psicanálise deve convocar a palavra a trabalhar tentando escutar e acolher os efeitos que ela produz, inclusive no campo social. Para ela, o psicanalista não interfere como explicador, mas como questionador expondo a fragilidade que existe sob a aparência das certezas estabelecidas (KEL, 2002).

Nos utilizamos até aqui de uma seleção de autores para discutir, não somente os relacionamentos, mas também é era que vivemos, a modernidade, onde os relacionamentos

estão em plena discussão, considerando este novo contexto, a era virtual. Pata tanto, trazemos o que colocam Tomaél; Alcará; Chiara (2005), o espaço em que as redes sociais se constituem e se proliferam são essenciais à informação e ao conhecimento, ou seja, são eles que movimentam as redes. As pessoas são inseridas na sociedade por meios tecnológicos, os quais influenciam fortemente nas suas relações. Sem estas redes, não existiria troca de informações e novos contatos. São elas que movimentam a troca de dados importantes e indispensáveis às relações seja de cunho pessoal ou profissional.

O amor está associado a experiências emocionais como o aumento de energia, felicidade e euforia. Vivemos em um meio onde a riqueza de informações acaba engasgando a maneira de se relacionar, quando, no entanto, não conseguimos nos ver inertes à essa condição. Fica exposta a decadência de tempo em que os sujeitos se encontram, pois, predomina a necessidade de se manterem conectados o tempo todo. As pessoas são inseridas na sociedade através dos relacionamentos, ou seja, são eles que movem qualquer tipo de contato. Relacionamentos estes, que mantém ativa a esfera social. A própria natureza do sujeito o liga à outras pessoas e, conseqüentemente, a outras culturas (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005).

Segundo, Castells (1999) não é necessário ser nenhum apaixonado por tecnologia para admitir que a fusão de opções fez com que as pessoas evoluíssem nesse contexto. No entanto no que se diz respeito à está "evolução", também fica evidente embaraços no campo do trabalho, família e relacionamentos amorosos, tornando o sujeito de alguma maneira dependente deste acesso. As redes sociais têm um forte domínio na vida das pessoas, onde os abraços e as conversas são deixados de lado para dar espaço à outras formas de demonstração de afeto. O sujeito prefere uma manifestação de carinho em meio a esse sistema do que algo demonstrado fisicamente. Em relação aos relacionamentos amorosos, o valor é direcionado à uma declaração no facebook do que palavras ditas pessoalmente, com um maior envolvimento (CASTELLS, 1999).

Nos deparamos com diversas maneiras de relações amorosas, como por exemplo, as redes sociais; onde os casais se conhecem de modo online. Esta opção é bastante favorável aos encontros das pessoas, porém também desfavorável, onde estes se conectam e se desconectam com facilidade e rapidez (SCHMITT; IMBELLONI, 2011).

As pessoas ao dizerem que querem um relacionamento duradouro, mostram-se indispostas a abrir mão de sua liberdade. O meio virtual vai tomando conta da condição de olho no olho e criando parâmetros capazes de intrigar a afinidade entre os casais e as pessoas ficam sozinhas em casa e na maior parte do tempo em seu próprio computador ou celular (BAUMAN, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se compreender as relações amorosas estabelecidas na contemporaneidade. Inicialmente, o desejo dos jovens em conciliar a experiência de uma relação tradicional baseada no amor romântico com a vida de solteiro, caracterizada pela liberdade, individualidade e ausência de compromisso com o parceiro. Embora, se tenha pouco investimento nos relacionamentos, ainda se cultiva esperança de encontrar uma pessoa para se relacionar, a qual corresponda totalmente às expectativas, alguém idealizado que proporcione prazer e felicidade.

A forma como se dá o laço social tem passado por mudanças na História da Humanidade. Enquanto marco da passagem de uma organização denominada moderna para a pós-moderna identifica-se o fenômeno da globalização que teve como condição os instrumentos tecnológicos dentre eles a *Internet*.

A era tecnológica trouxe grandes avanços no processo de comunicação entre os povos, viabilizando a movimentação das pessoas, as trocas de bens, serviços e cultura. Fato que enriqueceu os relacionamentos sociais, porém dificultou o controle. A comodidade, a facilidade e a conveniência da *Internet* propiciaram novos modos de relacionamentos sociais. Sem a necessidade de deslocar é possível percorrer o mundo, ter acesso a informações e encontrar um número ilimitado de pessoas, essa expansão dos limites corporais tem fascinado e gerado grande número de adeptos aos diversos modos de relacionamentos virtuais.

O fundamental hoje não é fazer que o sujeito busque uma nova palavra quanto ao seu mal-estar, mas, fazê-lo buscar a consequência da sua palavra. O sujeito hipermoderno precisa de um novo pacto social, um novo amor. O amor até hoje foi fundado na metáfora paterna, em nome do pai. O amor na hipermodernidade tem características múltiplas, sendo, portanto, um novo tipo de amor sem nenhum padrão, um amor arbitrário.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CHECCHINATO, Durval; et.al. **A clínica da psicose**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1988.

CHEMAMA, Roland (org.); et.al. Gozo. In: **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHARLIES, Sébastien. O Individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: LIPOVETSKY, Gilles; _____. **Os Tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

CHAVES, J. F. **As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade**. Psicologia em Revista, *16*(1), 28-46, 2010.

CHAVES, J. C. **Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2004.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COSTA, J. F. **Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, jan/jun 2004.

FALCKE, D., & ZORDAN, E. **Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, *62*(2), 143-155, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. Psicologia: Reflexão e Crítica, *11*(2), 379-394, 1998.

FERRY, L. **Aprender a viver: filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FORBES, Jorge. **A psicanálise do homem desbussolado**: as reações ao futuro e o seu tratamento. 2005. Disponível em: <http://www.projetoanalise.com.br>. Acessado em: 21 de novembro de 2016.

FREUD, Sigmund. Fragmentos da análise de um caso de histeria. [1901]. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII, p. 1-119.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Amores virtuais**: uma minoria desejante. Disponível em: <http://www.eco.ufrj.br>. Acessado em: 21 de novembro de 2016.

GUEDES, D., & ASSUNÇÃO, L. **Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?)**. Revista Mal-estar e Subjetividade, 6(2), 396-425, 2006.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, Jacques. O Simbólico, o imaginário e o real. In: _____. **Nomes-do-pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos** (M. Vilela, Trad.). São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARCONDES, Ciro. **Vivência eletrônica**. São Paulo: Edições NTC, 1998.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORESI, E. **Metodologia de pesquisa**. Monografia (Especialização em Conhecimento e Tecnologia da informação). Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF., 2003.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PREGNOLATO, M. **Vida a dois: um breve olhar sobre o relacionamento amoroso**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2003.

QUINET, Antônio. **A estranheza da psicanálise**: a escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

RIBEIRO, K. P. **A visão de relacionamentos afetivos e conjugalidade em mulheres separadas de diferentes gerações**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2010.

ROSSET, S. M. **O casal de cada dia**. Curitiba: Sol, 2004.

SEMERENE, Bárbara. Abrindo as Portas dos Salões Virtuais. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **Sexo, afeto e era tecnológica**: um estudo de chats na Internet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

SHINYASHIKI, R. **Os donos do futuro** (24a ed.). São Paulo: Infinito, 2000.

TEYKAL, C. M. **O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho**. *Psico*, 38(3), 262-268, 2007.

WAGNER, A., FALCKE, D., & MEZA, E. B. **Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1), 155-167, 1997.

ZORDAN, E. P., & Strey, M. N. **A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 2010.

